

APRESENTAÇÃO

Luiz Lopes DINIZ FILHO*

O período 1976-1983 é aquele em que se configura uma renovação profunda da Geografia brasileira, sob os auspícios de idéias “críticas” ou “radicais”, dentro da qual foram estabelecidos os pressupostos fundamentais que orientam quase toda a produção da Geografia Humana no Brasil contemporâneo. E dentre os autores que contribuíram para esse predomínio dos pressupostos da Geografia Crítica, Milton Santos certamente ocupa um lugar de relevo, em virtude da larga influência nacional e internacional de seus trabalhos.

Hoje, passados cerca de trinta anos desde o início daquele movimento renovador, a Geografia brasileira vive um momento ambíguo: de um lado, deixou-se de lado o sectarismo e o projeto de revolucionar completamente a disciplina por intermédio direto da teoria e da prática marxistas, ao mesmo tempo em que se assiste a aproximação de muitos autores em relação às perspectivas humanista e pós-moderna; de outro lado, nota-se uma recusa a discutir em profundidade os conteúdos da renovação crítica, sobretudo no que diz respeito aos pressupostos teórico-metodológicos e político-ideológicos de sua crítica à sociedade capitalista contemporânea.

Para efetuar essa avaliação mais ampla da Geografia brasileira contemporânea, é preciso retomar os trabalhos que deram corpo ao “fazer geográfico” contemporâneo, analisá-los à luz dos trabalhos produzidos por seus autores nos anos mais recentes e entender as mudanças teórico-metodológicas ocorridas no âmbito da Geografia Crítica no contexto de transformações históricas mais amplas, ocorridas no Brasil e no mundo.

Nesse sentido, o trabalho de Milton Santos que ora publicamos na seção “Resgate de Textos Clássicos” é bastante adequado para tal discussão. Embora Milton Santos não tenha se proposto a aplicar o método marxista na Geografia, seus trabalhos manifestam claramente uma visão crítica da sociedade capitalista e uma postura político-ideológica profundamente marcada pelas teses econômicas e políticas marxistas e de outras correntes de pensamento de esquerda, além de revelarem a influência direta de algumas categorias clássicas do marxismo, tais como “ideologia”, “classe social”, “modo de produção” e “formação econômico-social”, entre outras.

No artigo que segue, sugestivamente intitulado “Para que a Geografia mude sem ficar a mesma coisa”, podemos ler uma interessante discussão sobre as possibilidades e riscos da incorporação do marxismo à disciplina, uma crítica ácida, ao mesmo tempo teórico-metodológica, ética e política, às outras vertentes da Geografia, e ainda uma concepção de espaço e de sociedade que sintetiza a visão da Geografia Crítica sobre o capitalismo. Numa palavra, um estudo que apresenta e discute todos os pressupostos fundamentais da Geografia Crítica, que até hoje dão o tom na produção geográfica brasileira.

* Professor Adjunto Doutor do Departamento de Geografia UFPR